



**VARIEDADES DO ESPANHOL E CINEMA:
PROPOSTA DE ATIVIDADE PARA BRASILEIROS**

**VARIETIES OF SPANISH AND CINEMA:
PROPOSED ACTIVITIES FOR BRAZILIANS**

Rebeca Harapuque Galdino Alves¹
Maria Solange de Farias²

RESUMO: Sobre a língua, sabe-se que um idioma vivo não é homogêneo e imutável. Ela é um sistema dotado de elementos que vão além dos seus conceitos, pois, ao ser usada, seus falantes intercambiam, além do código, sentimentos e informações. Destarte, o trabalho tem como objetivo geral analisar as possibilidades didáticas do cinema para o ensino das variações linguísticas do espanhol como língua estrangeira e, como específicos, mostrar sua importância na aprendizagem de línguas estrangeiras, descrever as zonas dialetais do espanhol e sugerir propostas de atividades usando a Série *Soy Luna*. Como metodologia, esta pesquisa é de abordagem qualitativa com fins teóricos, analíticos e descritivos baseados no método dedutivo. No referencial teórico apresenta-se, dentre outros, Labov (2008) e Kenedy (2018) que contribuíram com os estudos da sociolinguística Moreno Fernandez (2007) e Contreras Izquierdo (2017) que falam sobre as variações do espanhol, como também Singh e Mathur (2010) e Ya Fang (2019) que propuseram estudos sobre o cinema como ferramenta didática. Como resultado, verifica-se que o cinema é um recurso didático rico de possibilidades: pode-se utilizar materiais audiovisuais completos, ou não, e de diferentes fontes como vídeos de plataformas digitais e redes sociais que mostram a língua em uso. Como conclusão, é fato que, ao usar o cinema para o ensino das variações, além de tornar o aluno protagonista da aula, é possível abrir sua visão para elementos que vão além do código. O uso desse recurso aproxima-o do contexto real da língua e torna-o capaz de aprender acerca do mundo do outro.

Palavras-chave: cinema; ensino/aprendizagem; espanhol/LE; sociolinguística; variedades.

¹ Graduada em Letras Língua Espanhola e Respetivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN (2021). Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL. E-mail: rebeca_harapuque@hotmail.com

² Doutora em Língua Espanhola pela Universidad de Salamanca – ES (2018). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (2007). Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3642-8853>. E-mail: solangefarias@uern.br

ABSTRACT About the language, it's known that the living idiom isn't homogeneous and immutable. It's a system endowed with elements that goes beyond its concepts, because, when used, its speakers exchange, beyond the code, feelings and information. Therefore, the work has as general objective to analyze didactical possibilities in cinema for the linguistic variation taught in Spanish as foreign language and, as specifics, show its importance in the learning of foreign language, describe the dialectal zones of Spanish and suggest proposals of activities using the series, *Soy Luna*. As methodology, this research has qualitative approach theoretical proposes, analytical and descriptive based on deductive method. The theoretical framework presents itself, among others, Labov (2008) and Kenedy (2018), who contributed to the studies of sociolinguistics; Moreno Fernandez (2007) and Contreras Izquierdo (2017), who talked about Spanish variations, as also as Singh and Mathur (2010) and Ya Fang (2019) who proposed studies about cinema as didactical tool. As result, ensure that cinema it's a didactical resource rich of possibilities: can be used complete audiovisual materials, or not, and from different sources as videos from digital platforms and social media that show the language in use. As conclusion, it's a fact that, when using the cinema to teach variations, besides of turning the student in the protagonist of the class, it's possible to open your vision to elements that go beyond code; the use of this resource approximates him of the real context of language and turns him able to learn about the others world.

Keywords: cinema; teaching/learning; spanish/FL; sociolinguistics; varieties.

1 INTRODUÇÃO

Devido a fatores geográficos, socioculturais, históricos e estilísticos, algumas mudanças são notadas entre falantes de uma mesma língua. No caso do espanhol, essas divergências são notadas nos 21 países que o têm como língua nativa, o que, de certa forma, gera algumas dúvidas entre os aprendizes e professores sobre qual variedade aprender e qual levar às aulas.

Considerando este panorama e observando que o avanço das tecnologias provocou mudanças nas orientações de muitos métodos e abordagens aplicados ao ensino de línguas, os recursos audiovisuais nas aulas de ELE, como, por exemplo, o cinema, têm aumentado e ganhado relevância em todo o mundo porque, além de serem ferramentas bastante familiares para os jovens, elas apresentam uma visão multicultural da sociedade e sua pluralidade linguística.

A partir disso, surge a seguinte problemática: como podemos utilizar o cinema como instrumento didático para ensinar as variedades linguísticas do espanhol? Para responder essa questão, este estudo tem como objetivo geral analisar as possibilidades didáticas do cinema para o ensino das variações do espanhol/LE e como objetivos específicos mostrar a importância das variedades linguísticas na aprendizagem de línguas estrangeiras; descrever as zonas dialetais do espanhol e, criar propostas de atividade usando séries e filmes para o ensino das variedades linguísticas do idioma.

Como metodologia, será elaborada uma pesquisa de abordagem qualitativa com fins descritivos baseados no método dedutivo. Destarte, será possível analisar as variações por meio de enunciados nas séries tomando como pontapé inicial os estudos realizados por Moreno Fernandez (2007) e Hualde *et al.* (2010).

Deste modo, julgamos importante mencionar que a pesquisa surgiu a partir da ideia de aproximar a língua espanhola em uso real dos estudantes, utilizando um *corpus* que assuma esse compromisso para, em seguida, explanar as diferenças e usos da língua por meio das diversas variações de vários países hispanos espalhados ao redor do mundo.

A divisão da pesquisa segue, primeiramente, um estudo sobre os pressupostos teóricos da sociolinguística, os estudos sobre variações e suas ramificações. Em seguida, os estudos sobre o cinema e suas implicações no ensino das variações de ELE. Por último, abordaremos os aspectos metodológicos, análise de dados e apresentaremos uma proposta de atividade com base nas competências linguísticas.

À luz do supracitado, espera-se que a realização desta investigação, além de incentivar novas pesquisas na área da sociolinguística variacionista e no ensino por meio de arte audiovisual, ela possa servir de apoio de estudo para os graduandos de Letras com habilitação em língua estrangeira, especialmente, a espanhola. Ademais, almejamos que ela abra espaço para a discussão da importância do estudo das variações em língua espanhola, tanto para promover o respeito entre diferentes culturas como para que o aprendiz possa aprender e saber agir nas mais diversas situações comunicativas a que seja exposto.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA

A sociolinguística tem como objeto de estudo a língua e sua correlação social, ou melhor dito, o comportamento linguístico de uma comunidade de fala dentro de um sistema variável. Cezario e Votre (2018, p. 141) afirmam que “a sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso e contexto real, levando em consideração as relações entre estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística”. Sendo assim, a sociolinguística está associada ao estudo da língua falada que lida com fenômenos que, ao depender do seu entorno, podem ser variáveis; dessa forma, a língua é mutável e heterogênea e, por ser de caráter social, não pode ser estudada de forma independente.

Para entender os pressupostos da sociolinguística, é importante discorrer brevemente acerca das teorias estruturalistas e gerativistas, mais especificamente, sobre como essas teorias influenciaram a ciência e, também, expor o pensamento de Labov (2008) acerca das variações linguísticas.

As teorias estruturalistas mostraram que a língua pode ser estudada dentro de seu próprio sistema e que ela se constitui de maneira homogênea, inata, imutável e síncrona; também ressaltaram que a língua pode ser caracterizada por leis precisas e fora de contextos extralinguísticos (Costa, 2013). Nesse processo, a fala é considerada, mas é excluída na análise.

Por outro lado, a teoria gerativa, mesmo que em divergência à teoria estruturalista, conseguiu reafirmar mais ainda a ideia do estruturalismo excluindo a fala de seus estudos. De acordo com Kenedy (2018), o novo conceito surge com uma nova visão e definição. No entanto, Chomsky, autor do gerativismo, acreditava na homogeneidade da língua. Ele estabeleceu o estudo da competência e se preocupou em descrever uma gramática universal, conhecida como gerativa, que objetivava analisar a competência do falante. Nestes estudos, ao comparar as estruturas sintáticas, podia-se separar o que é gramatical e agramatical por meio de frases intuitivas.

Em detrimento destas teorias, Labov (2008) estabeleceu que a língua pertencia a uma comunidade específica, por crer que o novo caminho de fazer linguística seria “estudar empiricamente as comunidades de fala” (Labov, 2008, p. 259). Os estudos de Labov (2008) foram um divisor de águas para a linguística e, a partir deles, surgiu a chamada Teoria da Variação e Mudança ou, melhor dito, a sociolinguística Quantitativa ou Laboviana. Essa nova teoria visava estudar o social dentro da linguística e a melhor maneira para entendê-la seria admiti-la como um sistema heterogêneo e de variação natural.

Segundo Bagno (2007), a sociolinguística surgiu porque muitos cientistas passaram a acreditar que não era possível estudar uma língua sem considerar a sociedade e seus falantes, tendo em vista a heterogeneidade da língua e as constantes mudanças ocasionadas pelas interações sociais. Em tese, a língua muda de acordo com a sociedade. Embora os falantes de uma comunidade heterogênea falem a mesma língua, eles apresentam traços linguísticos diferentes pois possuem vivências e visões de mundo distintas.

Toda variação, entendida como a capacidade que a língua tem de se modificar, é motivada por fatores externos e internos. Os fatores externos estão relacionados com a geografia, classe social, idade, sexo, profissão, escolaridade e meio de vivência. Já os internos se relacionam com os elementos lexicais, sintáticos, morfológicos e semânticos de uma língua.

Desse modo, podemos afirmar que a variação investigada pela sociolinguística foca no processo de interação entre a fala e a sociedade e se justifica no entendimento dos fatores que provocam uma variante ou outra, em busca de sistematizar o desenvolvimento da variação linguística (Salomão, 2011). Em síntese, a língua assume uma identidade a pretexto de sua subordinação em relação aos falantes de uma dada comunidade e as formas individuais de enxergar a vida. É a partir dessas individualidades que se busca estabelecer uma estrutura sistêmica das variações nas línguas.

2.1 Variedade, variável, variante e variação

Ao verificarmos o funcionamento de uma língua, é perceptível que, nas diferentes gerações, uma palavra considerada de baixo calão em uma, pode se tornar corriqueira e normal em outra; ou algo considerado gíria pode passar a não ser mais e ser inserido no vocabulário normalmente. Além de variação lexical descrita, as variações ocorrem nos demais níveis do sistema linguístico: fonético, semântico, morfológico, sintático e fonológico. Por isso, há alguns termos dentro da sociolinguística que são facilmente confundidos como: variedade, variável e variante.

De acordo com Mollica (2015), as variedades podem ser descritas a partir de dois aspectos: o geográfico e o social. O primeiro está relacionado ao espaço e o segundo a fatores extralinguísticos; ou seja, os elementos do sistema linguístico como vocabulário, sintaxe e pronúncia se modificam nos contextos socioeconômicos, culturais e geográficos.

Por outro lado, autores como Santos, Santana e Santana (2015) conceituam a variável como um conjunto de manifestações de um mesmo elemento, ou seja, é um conjunto de variantes. Um exemplo de variável seria a marcação do plural em “os meninos, os menino”. Para ser considerado uma variável, não é permitido que as falas se realizem em comunidades diferentes. Por esse motivo, algumas regras linguísticas não sofrem variação por fazerem parte do vocabulário pertencente a todas as regiões.

Por fim, quanto ao termo variante, Salomão (2011) diz que é utilizado nos estudos de Sociolinguística para denominar as formas que estão sofrendo variação, ou melhor, quando uma ou mais formas são usadas sem que haja mudança em sua base, ou seja, no significado. À luz do supracitado, temos uma variante quando uma forma linguística pode ser alternativa à outra, como, por exemplo, as palavras “mas”, “contudo” e “entretanto”, ao serem usadas para contrastar alguma ideia: “Quero mais chocolate, mas/entretanto/contudo já comi o suficiente”.

No nosso estudo, iremos substituir o termo variedade por variação, devido ao uso habitual da palavra pelos autores na língua portuguesa. Variação, nada mais é, de acordo com Tarallo (1985, p. 8), “diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Elas ocorrem em diferentes funções. Utilizando exemplos de variações do espanhol, essas funções podem ser: lexicais como em *frutilla* e *fresa*; fonético-fonológico como na pronúncia do [l] no lugar do -r na palavra *verdad* - [beldá]; e, por último, gramatical, como no uso de *vosotros*, na região peninsular, e *ustedes* na América.

3 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO ENSINO DE ELE

Devido a fatores geográficos, socioculturais, históricos e estilísticos, algumas mudanças entre falantes de uma mesma língua, no nosso caso o espanhol, são notadas nos 21 países que o têm como língua nativa, o que de certa forma gera algumas dúvidas entre os aprendizes e professores sobre qual variedade aprender e qual levar às aulas, levando em consideração o nível de interlíngua dos alunos, a falta de instrução, o material, o interesse e o preconceito linguístico. Desse modo, vale ressaltar a importância do conhecimento de todos acerca desse tema, visto que são as variações que formam a identidade do indivíduo e ampliam a eficácia da comunicação (Coan e Pontes, 2013).

Ao ensinar sobre as variedades, o professor não só passa uma informação ou um conteúdo, mas mostra ao aluno as mais diversas identidades culturais e linguísticas que existem na língua espanhola e na comunicação social entre seus falantes, deixando, assim, o aluno preparado para enfrentar e se sobressair de diversas situações comunicativas reais.

Tendo em vista a vastidão de possibilidades que um idioma apresenta, para que seus usuários o utilizem de modo dinâmico, neste tópico, será realizada a descrição de quatro tipos de variações ou variedades linguísticas, sendo elas: diatópica, diastrática, diacrônica e diafásica.

3.1 Variação diatópica, diastrática, diacrônica e diafásica

Se em um só país já é perceptível características específicas na fala dos indivíduos, em um leque de países de mesma língua nativa, essas diferenças se tornam ainda mais gritantes e ricas de cultura e vocabulário. A variação que ocorre como consequência dessas diferenças regionais é chamada de diatópica ou geográfica e sua mudança acontece, em especial, no léxico como, por exemplo, na palavra *falda*, falada na maioria dos países de fala espanhola, enquanto na Argentina o vocábulo usado é *pollera*.

Não menos importante, a variação diatópica inclui os sotaques e marcas orais da linguagem. É possível visualizar diferenças na pronúncia como, por exemplo, na aspiração do som produzido pelo grafema ‘s’ e em fenômenos classificados como *seseo*, *ceceo* e *yeísmo*. Ainda nesse contexto, a variação geográfica é bastante vista

em séries e filmes e essa é uma ótima ferramenta para o ensino desse tipo de variação para os alunos brasileiros que estudam o Espanhol como Língua Estrangeira (ELE).

De acordo com Contreras Izquierdo (2017, p. 292), a variação diatópica se pode identificar em qualquer língua, principalmente naquelas com uma extensão geográfica tão ampla, como é o caso do espanhol. Portanto, o espanhol e todas as demais línguas apresentam “variedades diatópicas que se caracterizam pela pronúncia, vocabulário, fraseologia e construções gramaticais e discursivas próprias”.³

De forma generalizada, o espanhol pode ser dividido em dois que, segundo o mesmo autor (2017), são o *castellano* e o *atlántico*. Vale lembrar que essas variações apresentam usos próprios e é necessário uma visão mais precisa para, de fato, entender toda essa variação. Todo esse campo só demonstra o quanto a língua não é uniforme, especialmente, o da área americana, pois recebem influências indígenas como o mapuche, por exemplo.

Valcárcel e Salvador (2008) definem a variação diastrática ou sociocultural como um conjunto de características que são determinadas por diferentes fatores sociais. Dito de forma mais clara, podemos defini-la como correspondente às distintas formas faladas pelas diferentes classes sociais que se manifestam na fala de pessoas com base no nível de escolaridade, a conhecida variedade não padrão.

Essa variação é estudada pela sociolinguística como socioleto a partir da estratificação social e, além de englobar a língua não padrão e os demais elementos já citados, a variação diastrática também se relaciona diretamente com a fala usada pelos jovens para se comunicar.

Ao longo do tempo, a vida muda. Mudam-se os gostos, a moda e a cultura de um povo. Assim como esses elementos, a língua falada também muda. A esse tipo de variação podemos chamar de variação diacrônica ou histórica que é estudada pela gramática histórica e definida como um conjunto de características de uma determinada época. Em espanhol, um bom exemplo é o da expressão *Vuestra Merced* que evoluiu e hoje se reduziu para *usted*.

Por último e não menos importante, o quarto tipo é conhecido como variação diafásica ou estilística. É conceituada, também, por Valcárcel e Salvador (2008), como um conjunto de características que um mesmo indivíduo utiliza segundo o contexto que está imerso, ou seja, situações informais e formais. Sendo a primeira usada de forma livre e cotidiana e, a segunda, admite o uso da gramática.

3.2 Existe um melhor espanhol a ser levado à sala de aula de ELE?

A explosão do ensino de língua espanhola na rede básica de ensino no Brasil se deu com a criação do Mercosul na década de noventa. Com o surgimento desse acordo econômico, ficou clara a intenção de promover as línguas oficiais, o que implicou em um maior comprometimento do país com a expansão da língua em todo o território nacional. Esse acontecimento foi crucial para o desenvolvimento de uma lei que instaurou a obrigatoriedade do seu ensino na última fase do ensino fundamental e ensino médio.

³ Todas as traduções foram feitas pela autora deste trabalho. Texto original: como cualquier lengua, especialmente con una extensión geográfica tan amplia, el español presenta variedades diatópicas que se caracterizan por una pronunciación, vocabulario, fraseología y construcciones gramaticales y discursivas propias.

Ora, é obvio que com essa implementação, a escolha de uma variação dentro da sala aula está além de estabelecer uma boa relação de comunicação entre as comunidades, mas é carregada de interesses de distintas ordens, desde fatores históricos até políticos.

Devido a essa expansão toda, não só no Brasil, mas no mundo, a demanda de pessoas interessadas no idioma aumentou de forma significativa. Numa perspectiva docente, toda essa imensidão faz com que reflitamos acerca de qual modelo é o ideal a ser seguido em sala, se existe um padrão ou até mesmo uma norma geral e acessível. A partir disso, surge o questionamento que intitula esse tópico: existe um melhor espanhol a ser levado à sala de aula de ELE?

Andión Herrero (2008) nos norteia em relação a essa dimensão e aborda sobre a dificuldade que encontramos na busca de um modelo a ser ensinado; afirma que isso se dá devido ao fato do idioma ser aparentemente simples e estar associado às culturas atrativas de mais de vinte países. Entretanto, a sua complexidade está na busca do equilíbrio entre o *estándar* e a variedade.

Ao refletir sobre essa questão e olhando dentro da perspectiva da sociolinguística, se o erro é desconsiderado e não existe um falar mais certo que outro, supõe-se que nenhuma variedade deve ser melhor e mais correta que a outra. Entretanto, se a variação do professor não condiz com os objetivos do público, segundo as autoras Andión Herrero e Burmann (2013), o ideal é flexibilizar e recorrer à língua padrão (*estándar*), em busca de neutralidade e respeitar tanto a própria variação como as demais.

Desse modo, percebe-se que não é necessário que o professor domine tudo como uma máquina, mas que, nas suas aulas, utilize a variação que domina e apresente amostras de outras variações existentes, que busque recursos e demonstrações possíveis da diversidade da língua espanhola. Para reafirmar, Contreras Izquierdo (2017) diz que é inquestionável a necessidade que o professor tem de conhecer esse assunto, não como um especialista, mas que tenha informações que o torne capaz de tomar decisões cruciais, desde a escolha da variante preferente, até a seleção de materiais para trabalhar em sala de aula levando em consideração as condições e necessidades dos alunos. Além disso, segundo Andión Herrero (2008), para a tomada de decisões, o professor também deve ter em mente os fatores que podem influenciar o ensino, como o local de ensino. Por exemplo, se for uma turma formado por mexicanos, não faz sentido que a preferente seja a argentina. Nesse caso, o fator influenciador será o conhecimento prévio dos alunos (Andión Herrero, 2008).

Por fim, levando esses aspectos em consideração, ao adquirir essas orientações, o professor consegue fazer com que o aluno amplie o vocabulário e conhecimento sobre a língua e que, além disso, tenha sucesso na comunicação com distintos falantes nativos e não nativos de várias procedências regionais.

4 O CINEMA E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS DA LÍNGUA ESPANHOLA

Deve-se ter em mente que essa geração e as próximas crescerão e se desenvolverão imersos em um mundo movido pela tecnologia e um universo virtual. Esse processo de evolução proporciona a integração entre as mais variadas localidades, línguas, povos e nações. Ademais, essa inserção aporta a maior instrumentalização já vista provida pelos sistemas de comunicação.

De acordo com Singh e Mathur (2010), o crescimento constante da tecnologia provocou mudanças nas orientações de muitos métodos e abordagens aplicados ao ensino de línguas. Nesse contexto de revolução tecnológica, os recursos audiovisuais nas aulas de ELE como, por exemplo, o cinema, têm aumentado e ganhado relevância em todo o mundo porque, além de serem ferramentas bastante familiares para os jovens, apresentam uma visão multicultural da sociedade e sua pluralidade linguística.

O cinema é um recurso audiovisual motivador, pois chama e prende a atenção de qualquer público, sobretudo dos mais jovens. Quando introduzido dentro da sala de aula, há uma quebra de rotina positiva: menos uso de livros, cadernos e explicações expositivas e mais uso de atividades como seminários, debates, dramatizações, onde o aluno é o protagonista. Dessa forma, os alunos se sentem mais representados e receptivos. Por isso, deve-se inserir o cinema como ferramenta didática na sala de aula.

Partindo para o papel do professor, o seu objetivo geral consiste em fazer com que o aluno aprenda a se comunicar na língua ensinada. Essa comunicação está além do código, pois entendendo o contexto e os aspectos extralinguísticos como gestos e expressões, o aluno se torna capaz de sobressair de problemas comunicativos. Essa competência comunicativa é desenvolvida por meio do exercício de quatro competências: expressão oral, leitora, escrita e auditiva (Singh e Mathur, 2010).

A única forma de desenvolver essas habilidades é por meio da prática e o modo mais coerente é praticar usando contextos reais e sociais. Desse modo, Singh e Mathur (2010) apontam que o cinema disponibiliza muitas possibilidades, melhorando não só o conhecimento sobre o idioma que se aprende, mas também o desenvolvimento de diversas competências, sendo uma delas a sociocultural, que é considerada uma ferramenta primordial para conhecer novas culturas. Além disso, o aluno é capaz de desenvolver habilidades como as de falar e escutar, por exemplo. O cinema aproxima a língua do aluno.

Tudo isso marca a importância do uso do cinema como potencial para a aprendizagem de uma segunda língua, pois é uma forma de afastar as visões estereotipadas, de observar a maneira de se comportar, de se expressar e os gestos do falante nativo. Este recurso visual também permite que o aprendiz observe as diferentes variações linguísticas próprias de cada região, principalmente no que se refere ao léxico, à gramática e à fonética. Com isso, é possível preparar os estudantes para que possam participar de qualquer situação comunicativa. O uso do cinema como recurso didático permite aproximar culturas e junto com ela todas as suas particularidades de fala e como se comportam os falantes dentro da comunidade linguística.

No que tange ao papel do aluno, Ya Fang (2019) afirma que o estudo é mais limitado devido à falta de conhecimento na área e de material adequado. Essa dificuldade torna os alunos dependentes de seus professores, a menos que já tenham conhecimento prévio acerca das variações linguísticas (Ya Fang, 2019).

Como qualquer recurso didático, o cinema apresenta vantagens, mas também desvantagens. Como vantagem, Singh e Mathur (2010) apontam que o cinema é um recurso didático motivador, chamativo e que prende a atenção do aluno; com ele é possível trabalhar não só o código da língua meta, mas também sua prosódia, pois a exposição de vídeos em sala é um excelente caminho para que o aluno observe e reproduza expressões, sotaques e entonação. Além disso, seu uso proporciona um emprego autêntico da língua, pois é um instrumento carregado de informação cultural e permite, também, que as competências, sobretudo a auditiva, sejam trabalhadas de modo natural.

Quanto às desvantagens, Singh e Mathur (2010) destacam as dificuldades de conhecimento linguístico por parte do aluno, falta de equipamento e materiais, a frágil, ou nenhuma, formação do professor na área e, por último, a falta de exploração didática, pois é um trabalho que exige muitíssimo tempo e força de vontade de fazer acontecer e levar o melhor para o aluno para que, assim, ele possa passar pelo processo de aquisição da língua de maneira mais natural, real e leve.

Nessa atividade, o papel do professor é orientar e ajudar os alunos através da linguagem verbal e não verbal dos personagens, fazendo com que percebam as particularidades, sempre levando em consideração as questões socioculturais e interculturais e, ainda, as necessidades do aluno.

4.1 Perspectiva do *Plan Curricular del Instituto Cervantes*, do MCER e da BNCC para o uso do cinema como instrumento didático

Por causa de todo esse avanço tecnológico, os recursos audiovisuais dominam cada vez mais a vida cotidiana das pessoas, embora algumas vezes sejam considerados como uma perda de tempo. Contudo, como um instrumento de aprendizagem, é indiscutível que a arte cinematográfica oferece recursos abundantes e colabora de maneira positiva através de imagens e sons.

Nesse tópico, vamos destacar a importância do cinema como instrumento didático para o ensino do espanhol e suas variações, segundo as perspectivas do *Plan Curricular del Instituto Cervantes* (PCIC, 2006); do *Marco Común Europeo de Referencia para las Lenguas* (MCER, 2002), que é um documento de suma importância para a Europa no ensino de línguas; e da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) que define o conjunto de aprendizados essenciais que o aluno deve ter no decorrer na sua vida estudantil.

O PCIC (2006), de acordo com Ya Fang (2019), só inclui o cinema na parte de *nociones específicas y referentes culturales*. Este documento vê o uso de séries e filmes como uma ferramenta, como uma prática de audição e a projeção das obras serve, também, para adquirir conhecimento geral sobre os seus cineastas, atores e demais envolvidos na produção, como também, sobre os institutos e a história do cinema. Isso quer dizer que, além de promover a expansão da língua, o uso da multimídia é considerado como uma ferramenta de expansão da cultura da Espanha e da América Hispânica.

Dentro da parte de Referentes Culturais, a Organização do Inventário está dividida em três partes. Na terceira, chamada “Produtos e criações culturais”, destaca-se a importância das tendências artísticas e culturais, os seus autores e criações que formam o patrimônio cultural da Espanha e Hispano América. Neste ponto, deixa o apresso às ferramentas, exclusivamente, de cinema e literatura. O documento evidencia o cinema como um instrumento capaz de representar a prática e a realidade dentro da sala, pois constitui uma base rica em material.

Por outro lado, Ya Fang (2019) afirma que o MCER (2002) ressalta a importância das destrezas e habilidades linguísticas, dando relevância aos métodos para manipular o recurso audiovisual como forma de aprendizagem. Além disso, aconselha ouvir rádio e gravações, principalmente televisão e cinema, mas sempre tomando em consideração o nível que os alunos se encontram.

O MCER (2002) compreende que no cinema estão presentes os jargões, argot, a fala coloquial e o uso marcante de expressões idiomáticas. Além disso, afirma que nos meios de comunicação estão os telejornais e programas que relatam temas atuais, assim como documentários e entrevistas com o uso da língua padrão

e neutra. Sobretudo, nesse seguimento, o documento reconhece a importância do cinema como recurso didático ao compreender que os elementos visuais e ações acompanhem o argumento e se articulem com nitidez, facilitando o entendimento do idioma.

Nessa mesma linha de raciocínio, a BNCC (Brasil, 2018) fala na competência número três de linguagens, ou seja, sobre a valorização do uso das diferentes linguagens incluindo a visual, sonora e digital com o fim de trocar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos de forma que respeite sempre as identidades e culturas.

Dependendo do nível que o aluno esteja incluído, esse tipo de tarefa requer muito tempo e esforço pois esses elementos exigem uma certa compreensão, visto que englobam, músicas, argot, expressões idiomáticas e componentes socioculturais. O cinema pode criar uma realidade existente ou não e, por isso, torna-se uma ferramenta poderosa para a aprendizagem da língua espanhola.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa com fins descritivos baseados no método dedutivo. Dessa forma, será possível analisar as variações por meio de enunciados presentes em alguns capítulos da primeira temporada da série *Soy Luna*, escolhida pela presença de diferentes variações linguísticas e pela exposição do espaço geográfico na ambientação da série. Para analisar as características linguísticas das variações na série usamos como base a proposta de Moreno Fernandez (2007) e Hualde et al. (2010).

No que tange aos significados das variedades lexicais, os dicionários utilizados para a análise foram o *Diccionario de Lengua Española de la Real Academia Española* – (DRAE, 2014) e o dicionário online wordreference (2001). Em casos onde o significado não foi encontrado em nenhum lugar, a consulta foi feita de maneira informal, com nativos do idioma.

No que tange à forma de desenvoltura da pesquisa, primeiramente separamos as falas e analisamos as que apresentam características referentes à variação diatópica, visto que serão expostas em um quadro que apresenta a fala, zona dialetal, características e observações. Em segundo, visando uma melhor organização, o restante das variações será analisado por meio de três categorias: 1ª) variações diatópica e diafásica nas séries e suas características; 2ª) registro linguístico com base na variação diafásica; 3ª) inclusão em *Jerga* e *argot*.

Na subseção seguinte, apresentamos, por meio de um quadro, a categoria 1. Nele, apresentamos as frases, palavras ou expressões escolhidas para a análise. Vale lembrar que o *corpus* da pesquisa é a série juvenil *Soy Luna*. Contudo, devido à quantidade de episódios em uma única temporada e o curto prazo para a realização da pesquisa, serão observados apenas os seis primeiros capítulos da temporada.

5.1 Análise das variações em *Soy Luna*

Soy Luna é uma série de televisão argentina juvenil coproduzida pela *Disney Channel* da América Latina. Apresenta 3 temporadas e cada uma conta com oitenta episódios com uma média de cinquenta minutos. Dela participam atores mexicanos, argentinos, colombianos, italianos, espanhóis, chilenos, brasileiros e norte-americanos.

De todas as variações encontradas na análise dos seis primeiros episódios da série *Soy Luna*, pode-se dizer que, em sua maioria, as proeminentes são as do rio da prata e a mexicana, tendo em vista que os personagens de maiores falas são nativos da Argentina e México. Portanto, esta análise se resumirá a estes dois países. Desse modo, no seguinte quadro, apresentamos o resultado da análise dos seis primeiros capítulos da série apresentando a fala, a área geográfica, a característica e, por fim, a observação. De antemão, é certo dizer que foi possível encontrar os quatro tipos de variações. Destas, a diatópica é a que está presente no quadro 1.

Quadro 1: Variação Diatópica – *Soy Luna*

Fala	Área geográfica	Característica	Observação
<i>Aló (...) llegando a Cancún.</i>	Argentina	Léxico	• É uma interjeição Americana usada para atender o telefone.
<i>Te parece chistoso</i>	México	Gramática	• Tuteo; • Derivação específica em – oso.
<i>Esta langosta es de otro mundo</i>	Argentina	Fonética e fonologia	• Aspiração do /s/ em posição final de sílaba;
<i>¡Ándele! Váyase a cambiar</i>	México	Gramática	• Imperativo com pronome <i>le</i> enclítico.
<i>Tiene un poquitito de chile</i>	México	Gramática	• Diminutivo afetivo em advérbios.
<i>Perdón, dije <u>cuidado</u>.</i>	México	Fonética e fonologia	• Pronúncia oclusiva de consoantes sonoras entre vogais.
<i>No es para que te pongas así super <u>chulita</u>.</i>	México	• Gramática • Léxico	• Tuteo; • Uso de diminutivo; • Uso de léxico americano, específico mexicano: <i>chulita</i> ; • Tradução: bonita.
<i>Mira cómo me dejó, toda <u>sucia</u> de chocolate.</i>	Argentina	Fonética e fonologia	• Seseo; • Pronúncia pré-dorsal de /s/; • Indigenismo regional (<i>náhuatl</i>).
<i>Si <u>hasta</u> se despidió de mí en el sueño.</i>	México	Gramática	• Uso de <i>hasta</i> com valor de início.
<i>Parece que <u>su</u> hija está mejor.</i>	México	Gramática	• Uso de <i>ustedes</i> , <i>su</i> y <i>suya</i> para segunda pessoa do plural.
<i>Lamentablemente no podemos <u>aceptar</u>.</i>	México	Fonética e fonologia	• Seseo.
- Te llevo en el <u>auto</u> . - ¿Sí? - <u>Subí</u> .	Argentina	• Léxico • Gramática	• Carro na Argentina se diz <i>auto</i> , enquanto na no México é mais usual <i>carro</i> ou <i>coche</i> ; • Tradução: carro, automóvel. • Voseo no imperativo.
<i>Mira, <u>ya</u> estamos a pocas <u>calles</u>.</i>	México	Fonética e fonologia	• Yeísmo com som de /j/.

<i>Sos la que se cayó en la pileta, ¿no?</i>	Argentina	- Gramática - Léxico	- Voseo; - Palavra usada especificamente no país: <i>pileta</i>; - Tradução: piscina.
<i>En la pileta no sé, pero si fui la que se cayó en la alberca.</i>	México	Léxico	- Palavra usada no país: <i>alberca</i>; - Tradução: piscina.
<i>Mira, hoy no fue mí día.</i>	México	Gramática	Uso do pretérito indefinido com valor de pretérito perfeito.
<i>Les ofrezco duplicar su paga y darle a su hija la mejor educación.</i>	Argentina	Gramática	Uso de <i>ustedes, su, suya/a(s)</i>, se para segunda pessoa do plural.
<i>¡Córrele!</i>	México	Gramática	Imperativo com pronome <i>le</i> enclítico.
<i>Siempre haces tan buenos chistes, chico fresa.</i>	México	Léxico	- Expressão mexicana utilizada para dizer que alguém é presumido. Ademais, pode ter significado de fruta: <i>fresa</i>; - Tradução: morango.
<i>Bueno, por lo menos no tienen que hacer las valijas.</i>	Argentina	Léxico	- Uso léxico próprio do espanhol do Rio de la Plata: <i>vajillas</i>; - Tradução: malas.
<i>Tratemos de llevarnos lo mejor posible durante el tiempito que estés acá.</i>	Argentina	- Fonética e fonologia - Gramática	<i>Yeísmo rehilado</i> [3]; - Diminutivo com - it; - Verbo estar conjugado no voseo; - Uso frequente de <i>acá</i>.
<i>Lunita, espera, no te vayas, te presento a mis amigas. Amigas, ella es Luna.</i>	Argentina	Fonética e fonologia	- Aspiração em /s/ em posição final de sílaba; <i>Yeísmo</i> [] (pronúncia surda).
<i>Nos vemos.</i>	México	Fonética e fonologia	Pronúncia pré-dorsal de /s/.
<i>(...) para mi suerte ahora tengo que ir a la misma escuela que ella.</i>	México	Fonética e fonologia	Perda ou enfraquecimento de vogais átonas. Nesse caso, a pronúncia fica [s'kwela] em vez de [es'kwela].
<i>Te llamo después ¿Dale?</i>	Argentina	Léxico	Léxico americano: <i>dale</i>; Tradução: expressão geralmente americana coloquial para dizer: certo, tudo bem, ok. Também usada para sublinhar o que se fala.

<i>¡Bien! Se me hace que va a estar súper chido vivir aquí.</i>	México	Léxico	- Palavra usada pelos mexicanos: chido; - Tradução: legal.
<i>Ahorita ya me quiero salir a patinar y todo.</i>	México	Gramática	Uso de diminutivo de advérbios.
<i>¿Cómo andan los piecitos, calentitos?</i>	Argentina	Gramática	Uso de diminutivo com – it.
<i>Nos vemos allá.</i>	Argentina	Gramática	Uso frequente de allá.
<i>¡Recién llegamos!</i>	Argentina	Gramática	Uso frequente de <i>recién</i> sem participípio.
<i>Este hombre me saca de quicio.</i>	Comum em países de fala hispana	Léxico	- Expressão usada para dizer que está irritado; - Significa violentar ou tirar do seu real curso natural ou estado.
<i>No me tiente, que ahoritita mismo se lo cumplo.</i>	México	Léxico	Super diminutivo de advérbio.
<i>Neta, está super mala onda (...) El mío no es andar de chorera.</i>	México	Léxico	- Expressão específica mexicana para referir-se a <i>verdad</i>. - Existem várias expressões com 'onda', mas essa refere-se a algo que está mal; <i>Chorera</i>, ou melhor, <i>choro</i>, vem do verbo <i>chorear</i> e é usada no México (por <i>capitalinos</i>) para referir às mentiras.
<i>Se veía super padre.</i>	México	Léxico	Palavra usual no país para dizer que algo é muito bom.
<i>Este plan fue idea mía.</i>	Argentina	Gramática	Uso de pretérito indefinido com valor de pretérito perfeito.
<i>- Entonces, tan mal no estuve.</i> <i>- ¡Estuviste horrible!</i>	Argentina	Gramática	Adjetivo adverbializado.
<i>Mira, es una crema para piel resea.</i>	Argentina	Gramática	Uso do prefixo <i>re-</i> com valor superlativo. Sinônimo de muito.
<i>Simón, te extraño mucho.</i>	México	Fonética e fonologia	Articulação plena e tensa de grupos consonânticos.
<i>(...) así puede dejar por un tiempo estos aros de feria.</i>	Argentina	Léxico	- Léxico usado no país: <i>aros</i>; - Tradução: brincos.
<i>Canta super bien esta chava.</i>	México	Léxico	- Léxico usado no país: <i>chava</i>; - Tradução: menina.
<i>La neta que canta muy bonito.</i>	México	Gramática	Adjetivo adverbializado.

<i>Bueno, yo no sé para qué me saco de onda.</i>	México	Léxico	• Expressão idiomática; • Tradução: estar em choque, demorar a processar uma informação ou entender algo mal.
<i>Está frío el piso y me puede dar gripa.</i>	México	Léxico	• Palavra usada apenas em dois países, um deles México, mas a palavra recomendada pela RAE é <i>gripe</i>.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Tendo em vista o quadro apresentado, pode-se afirmar que, apesar de ser uma única língua, as diferenças são diversas ainda que ambos os países estejam localizados no mesmo continente. As distinções mais marcantes estão localizadas: a) na fonética e fonologia com o *yeísmo rehilado* que na Argentina é a ausência de distinção entre /j/ e /ɰ/; este, com o som de [ɰ] como pronunciamos, em português o “j” na palavra jantar e o *yeísmo sordo*, com o som de [j] como pronunciamos, em português o dígrafo “ch” na palavra chave; b) na gramática, com o uso marcante do voseo que é o uso informal da forma pronominal vos para dirigir-se a outra pessoa usado na região da prata; e c) no léxico singular do México. Em contrapartida, foi possível identificar as semelhanças entre as duas regiões e, uma das mais significativas, é o uso do *dale*, por exemplo.

Ademais da variação diatópica, também observamos a diacrônica no que diz respeito ao espanhol atual e a intervenção do inglês no vocabulário dos personagens quando dizem, por exemplo, *super out* ou *in*.

No que tange ao registro linguístico, com base na variação diafásica, podemos afirmar que estão presentes registros tantos do tipo informal como formal. Por exemplo, em ambiente de trabalho, a chefe de Luna e Simón os tratam como *usted* que é uma das formas mais marcantes para identificar a fala formal; do mesmo modo, tratam os pais da protagonista em ambiente profissional. Além disso, é possível perceber o tratamento formal na série quando um deputado importante visita a mansão da família.

Por outro lado, a fala coloquial ou informal é desenvolvida em toda a série, considerando o espaço em que se passa e a idade do público de alcance, visto que a obra é infantojuvenil. Dessa forma, quando os diálogos ocorrem entre amigos ou entre pessoas, com um certo nível de intimidade, é possível identificar o registro linguístico da fala informal. Um dos marcadores é o uso relaxado de palavras que possuem /d/ em posição final a nível fônico; a nível gramatical a presença de vocativos e elementos apelativos como: ¿eh? e oye; e, a nível léxico-semântico o uso de *jerga* e *argot* exposto na categoria 3.

Por último, no que diz respeito à variação diastrática ou sociocultural, a inclusão de *jerga* é um ponto importante a ser observado tendo em vista que a série é juvenil. De acordo com Valcárcel e Salvador (2008, p. 11) “*jerga* é o uso específico da língua que realizam indivíduos que pertencem a uma profissão com um vocabulário especializado (...)”⁴. Um exemplo encontrado é quando, no capítulo 6, fazem uso da palavra *top* para dizer que algo é muito bom. Essa palavra é comum e bastante utilizada pelos jovens. Ainda, no decorrer dos capítulos, para se

⁴ *jerga* el uso específico de la lengua que realizan individuos que pertenecen a una profesión con un vocabulario especializado (...).

despedirem, eles usam a palavra *chao* quando o mais comum pelos demais é dizer *adiós* ou *hasta luego*, por exemplo.

Com isso, conclui-se que os primeiros capítulos da série são recheados de conteúdos, tendo em vista o choque cultural e linguístico ocorrido entre o primeiro contato dos personagens na narrativa. Contudo, é válido ressaltar que, nem todas as características, em sua minoria, presente no material base de análise, foram encontradas inicialmente.

6 PROPOSTA DE ATIVIDADE

ACTIVIDAD 1 – Para comparar

Para empezar. ¿Conoces a estos personajes? ¿Sabes quiénes son? ¿De dónde son? ¿Conoces algo de su país?

Imagem 1 – Personagem

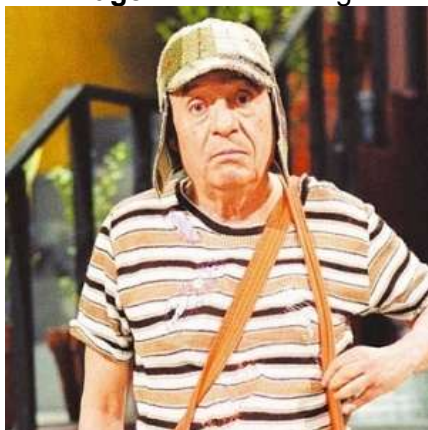
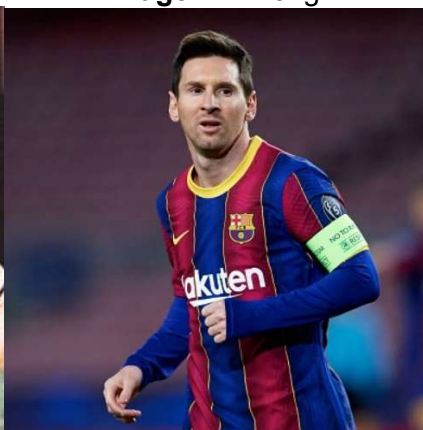


Imagem 2 – Jogador



Fonte: Google Imagens

1. Soy Luna muestra, además de la cultura y costumbres, grandes diferencias en el habla de las personas. En el primer episodio, de modo preciso en el momento 23:39h Luna se refiere a Ámbar como “super chulita”. Responde qué significa esta expresión.

2. Ya en el tercer capítulo, Luna y Nina charlan y casi no se entienden por primera vez. Ve la escena, en el tiempo 33:56h y, rellena el cuadro.

Quadro 2 – Exercício

Expresión	Significado
	La verdad
Mala onda	
Andar de chorera	
	Chico presumido.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

- Confirma con tu profesor tus respuestas.

3. En la escena que pasa en el mismo capítulo, el tercero, en el momento 37:00m, la española Yim, practica la nueva palabra que aprendió con Luna. Contesta las siguientes cuestiones.

- a. ¿Qué palabra es esa?
- b. Explica, en portugués, qué dice Luna para explicar el significado de esa expresión que es muy popular en su país.

4. En el primer capítulo de Soy Luna, hay una breve conversación de dos personajes, uno de Argentina y el otro de México. En esta charla hay algunas divergencias léxicas, gramaticales y, también, a nivel fonético y fonológico. Ve esta escena, entre 29:41 y 30:05h, y contesta las siguientes cuestiones.

- a. Contesta dos características del español de la zona del Río de la Plata a nivel fonético y fonológico.
- b. Ahora, identifica un rasgo gramatical en el fragmento de la escena hablado en Argentina y otro hablado en México.
- c. Identifica las cuatro palabras utilizadas por ellas y compara el léxico usado haciendo la traducción al portugués.

5. Relaciona los usos de las variedades de México y de Argentina con los fragmentos sacados de la serie y completa los espacios.

- ¡Ándele! Váyase a cambiar (___)
- Mira, hoy no fue mí día. (___)
- Ay, vos no sabés patinar, ¿no? (___)
- Mira, es una crema para piel reseca. (___)
- Está frío el piso y me puede dar gripa. (___)

A. En _____, se suele usar el pretérito indefinido con valor de pretérito perfecto.

B. En _____, es común referirse a gripe como gripa.

C. En _____, se usa constantemente el prefijo **re** con valor

D. En _____, se suele vocear.

E. En _____, se suele usar el Imperativo con pronombre **le** enclítico.

6. Ahora, vamos a escuchar una canción de la serie Soy Luna llamada Sin Fronteras.

Sobre ella contesta las preguntas.

Digo neta a la verdad
Digo padre a lo genial
Pero hay cosas que no cambian
Un idioma universal

Yo campera a la chamarra
 Todo gira, todo cambia
 Tú mi amiga, compañera
 Es lo mismo, ya verás
 Al principio me sonabas diferente
 Tan distinta en medio de toda la gente
 Y al final me di cuenta, es extraño
 Pero yo te entiendo igual

Puedo sentir, puedo confiar
 Sincronía en movimiento
 En el mismo sentimiento

Puedo decir, puedo escuchar
 Sé que tú estás conmigo
 Y no estoy sola

La amistad, la inventamos a nuestra manera
 Y no tiene fronteras, ni idioma, ni bandera

- ¿De qué trata la canción?
- Después de escuchar la canción, ¿cambiarías el título? Si sí, di otra opción.
- Observa la letra de la canción. Informa cuál es el país que la palabra es utilizada y, al lado, la traducción en tu idioma.
- Es posible percibir una preocupación en la serie para tratar las diferencias lingüísticas como iguales. ¿Qué piensas acerca de eso? Y ¿Por qué enfatizar este punto?
- ¿En tu idioma hay pronunciaciones distintas según la zona? Y ¿Qué sensación te da cuándo oyes una pronunciación diferente a la que estás acostumbrado?

7. En español existe un fenómeno fonético-fonológico llamado Yeísmo. Acerca de él, completa los huecos para conocer más a su respecto.

En _____, hablan dos tipos de yeísmo, el rehilado y el sordo. Él se caracteriza por ser la _____ de distinción entre /j/ e /ʎ/, entretanto, este, con el sonido de [ʃ] como pronunciamos, en portugués o “j” en la palabra _____ e, yeísmo _____, con el sonido de [ʎ] como es pronunciado, en portugués en el _____ “ch” en la palabra _____

Quadro 3 - Exercício

• Sordo	• Argentina
• Ausencia	• Chave
• Jantar	• Dígrafo

Fonte: Elaborado pelas autoras.

8. ¿Has notado alguna diferencia entre las tres variaciones del español? Si no la percibes observa el fragmento de abajo.

Imagem 3 – Cópia de tela em uma cena do Episódio 1



Fonte: Elaborado pelas autoras.

¿Ya viste las diferencias? Ahora coméntaselas con tus compañeros después de contestar la siguiente cuestión.

Quadro 3 - Exercício

ARGENTINA	MÉXICO
- Te llevo en el auto .	- Te llevo en el _____.
- ¿Sí?	- ¿Sí?
- Subí .	- _____.
- ¡Bien! Se me hace que va a estar súper _____ vivir aquí.	- ¡Bien! Se me hace que va a estar súper chido vivir aquí.
- Sos la que se cayó en la pileta , ¿no	- _____ la que se cayó en la _____, ¿no
- Bueno, por lo menos no tienen que hacer las valijas .	- Bueno, por lo menos no tienen que hacer las _____.

Fonte: Elaborado pelas autoras

• ¿Cuál te parece más interesante? ¿Te gusta que haya tanta variedad de español? ¿Por qué?

ACTIVIDAD 2 - ¡A JUGAR!

• Após ver fragmentos importantes das duas séries e resolver os exercícios. É primordial uma atividade lúdica e interativa para que o conteúdo fixe melhor. Dessa forma, optamos por um Quiz.

Quadro 4 – Manual do jogo

MATERIAIS	COMO JOGAR
• Uma caixa; • Cartões; • Sugestão: recompensa de pontos para ambos os grupos;	1. Coloque os 11 cartões com as questões na caixa; 2. Divida a sala em dois grupos grandes; 3. Intercale 10 perguntas (5 para cada) entre os grupos com intervalo de 40 segundos cada resposta; 4. Caso houver empate use o cartão extra; 5. A recompensa maior vai para o grupo vencedor, porém os participantes recebem os pontos em menor quantidade.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Imagem 4 – Exemplo de cartão

Fonte: Elaborado pelas autoras.

ACTIVIDAD 3

Quadro 5 – Exercício

FICHA DE AUTOEVALUACIÓN
• Después de esa unidad puedo...
• La actividad que más me ha gustado es... • La actividad que menos me ha gustado es... • La actividad que me hubiera gustado hacer es...
• Las palabras y expresiones que recuerdo son...
• He mejorado en... • He sentido dificultad en... • Pretendo mejorar en...

Fonte: Elaborado pelas autoras.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa teve como objetivo geral analisar as possibilidades didáticas do cinema para o ensino das variações do espanhol/LE. Como objetivos específicos mostramos a importância das variedades linguísticas na aprendizagem de línguas estrangeiras, descrevemos as zonas dialetais do espanhol e criamos propostas de atividade usando séries para o ensino das variedades linguísticas do idioma.

Baseado nos objetivos, concluímos que, embora diversos países compartilhem o mesmo código linguístico, são diversas as variações existentes na mesma língua. Tendo isso em vista, é de suma importância o ensino das variedades

linguísticas, pois são elas que ligam a aprendizagem e o respeito às diferenças de vocabulário e sotaque, para que, assim, o processo de ensino/aprendizagem possa ser leve e significativo para que o aluno aprenda além do código e valorize a individualidade do falar de cada um.

A partir desse estudo inicial, o trabalho avançou para o ensino/aprendizagem dessas variações por meio de um recurso audiovisual conhecido em todo o mundo como cinema. No que toca o questionamento que diz respeito ao uso do cinema como uma ferramenta didática, são várias as possibilidades, sendo a principal delas permitir o protagonismo do aluno dentro da sala de aula, tendo em vista a quebra de rotina que ele proporciona, pois diminui o uso de livros e conteúdos expositivos, ou melhor, impulsiona a realização de atividades voltadas para seminários, debates, uso de jogos e outras atividades que exigem a interação dos alunos.

Além disso, ao usar materiais audiovisuais, pode-se utilizar filmes e séries completas ou por fragmentos, vídeos curtos de plataformas digitais e redes sociais que, atualmente, tem conteúdos riquíssimos disponíveis, pois mostram a vida e contextos reais de falantes nativos de diversas línguas pelo mundo, incluindo o espanhol.

Destarte, podemos concluir que, sob uma ótica teórica, o cinema é uma ótima ferramenta didática para o ensino de língua espanhola, porque ademais de motivar o ensino/aprendizagem, ele vai além do código, mostra a língua em uso e a cultura dos falantes, conscientizando-os e evitando o preconceito linguístico.

À luz disto, para a elaboração das atividades, analisamos as características da região do México e do Rio da Prata presentes na série Soy Luna (latina). Após a análise, verificamos a presença dos quatro tipos de variações. No que tange à variação diatópica, os resultados sinalizam a relação entre contexto geográfico e formas gramaticais, por exemplo. Quanto às demais, os resultados apontam para empréstimos e intervenção do inglês nas falas e, também, no uso do registro linguístico formal e informal baseado na idade e escolaridade dos falantes. Além disso, identificamos o uso de *jerga* e *argot* juvenil nos enunciados.

Todavia, quanto à questão que rodeia o mundo docente, sobre a existência de um espanhol ideal para ensinar, é válido afirmar, alicerçado nos estudos, que todas as variações são únicas e importantes por igual. Cabe, então, ao professor escolher uma, mas não excluir as demais, ou melhor, apresentar em aula o possível sobre os tipos de variações, enfatizando as diferenças do idioma. Sendo assim, o aluno é livre para buscar autonomia em escolher uma que agrade.

REFERÊNCIAS

ANDIÓN HERRERO, M. A.; BURMANN, M. G. **Las variedades del español como parte de la competencia docente**: Qué debemos saber y enseñar en ELE/L2. Actas del I Congreso Internacional de Didáctica de Español como Lengua Extranjera del Instituto Cervantes de Budapest (2013), p. 47-59. Disponível em: <https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones/centros/budapest_2013.htm>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ANDIÓN HERRERO, M. A. Modelo Estándar y norma... conceptos imprescindibles en el español L2/LE. **Revista española de Lingüística Aplicada**, nº 21, p 9-26, 2008. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2925909>> Acesso em: 16 mar. 2021.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CEZARIO, M. M.; Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2.ed., 6º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2.ed., 6º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

COAN, M.; PONTES, V. O. VARIEDADES LINGÜÍSTICAS E ENSINO DE ESPANHOL NO BRASIL. **Trama**, [S.I.], v. 9, n. 18, p. 179-191, jun. 2013. ISSN 1981-4674. Disponível em: < <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20348>>. Acesso em: 15 fev. 2021. DOI: <https://doi.org/10.48075/rt.v9i18.8252>.

CONTRERAS IZQUIERDO, N. M. (2017): “Variedades lingüísticas y ELE. La variación diatópica en el léxico coloquial del español: formación del profesor, recursos, orientaciones metodológicas e implicaciones didácticas”, In: D.G Níkleva (e.d). **La formación del profesorado de español como lengua extranjera**. Necesidades y tendencias. Bern, Peter Lang, 2017, 283-310.

COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M.E (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

Diccionario de la Lengua Española. **WordReference**. Espasa Calpe, S.A. Madrid, 2001. Disponível em: <<https://www.wordreference.com/definicion/>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

Diccionario de la Real Academia Española. 23 ed. 2014. Disponível em: < <https://dle.rae.es/>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

DISNEY PLUS. **Soy Luna**. Disponível em: <<https://www.disneyplus.com/pt-br/series/soy-luna/1o9q3oqlzUV0>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

HUALDE, J. I.; ESCOBAR, A.; OLARREA, A.; TRAVIS, C. Variación lingüística en español. In: HUALDE, José; OLARREA, Antxon; ESCOBAR, Anna; TRAVIS, Catherine. **Introducción a la lingüística hispánica**. 2. ed. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010. Cap. 7, p. 392-402. Disponível em: <https://www.academia.edu/41753439/Introducci%C3%B3n_a_la_ling%C3%BC%C3%ADstica_hisp%C3%A1nica>. Acesso em: 31 ago. 2021.

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 2.ed., 6º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MCER. **Marco Común Europeo de Referencia**. 2002. Disponível em: <<https://cvc.cervantes.es>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

MOLLICA, M. C. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2015.

MORENO FERNÁNDEZ, F. (2007). **Qué español enseñar**. Madrid: Arco/Libros.

PCIC. **Plan curricular Instituto Cervantes**. 3 vol. p. 764, 696, 544. Madrid: Biblioteca Nueva, 2006. Disponível em:

<https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/plan_curricular/niveles/10_referentes_culturales_introduccion.htm>. Acesso em: 21 abr. 2021.

SALOMÃO, A. C. B. **Variação e Mudança Linguística**: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. Fórum Linguístico, Florianópolis, v.8, n.2, p. 187-207, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2011v8n2p187>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SANTOS, S.; SANTANA, J.; SANTANA, A. **A variação linguística e o preconceito linguístico no âmbito escolar**. 2015. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br>>. Acesso em: 31 mar. 2021.

SINGH, V. K.; MATHUR, I. El cine como instrumento didáctico en las aulas de ELE en un país de Bollywood. **MarcoELE**. N. 11, 2010. Disponível em: <https://marcoele.com/descargas/11/singh-mathur_cine_en_india.pdf>. Data de acesso: 31 mar. 2021.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1985.

VALCÁRCEL, J. G. P.; SALVADOR, R. Z. **Lengua Castellana y Literatura I**. España: Ministerios de Educación, Cultura y Deporte, 2008. Disponível em: <https://www.academia.edu/36611222/Lengua_castellana_y_literatura_1_bachillera_to>. Acesso: 14 abr. 2021.

YA FANG, L. **Cine y Variedades del Español. Materiales Para Alumnos Taiwaneses**. Tesis (Doctorado en Letras) – Facultad de Filología: Departamento de Lengua Española, Universidad de Salamanca. Salamanca, 446 p. 2019.